

# Atitude Interdisciplinar: Habitantes, Visitantes e Transeuntes na Educação Bimodal

*Suely Scherer (PUC/SP – UNERJ – suely@unerj.br)*

**Resumo:** O presente artigo apresenta e discute a atitude interdisciplinar como a atitude que caracteriza a estética dos movimentos de comunicação e aprendizagem de sujeitos envolvidos em um processo de Educação Bimodal - parte presencial e parte virtual -, coerente com a estética da complexidade. Neste estudo, são identificados, nas atitudes e ações de alunos e professores, os movimentos de habitantes, visitantes e transeuntes de ambientes de aprendizagem. O educador assumindo uma atitude interdisciplinar, de habitante, favorece pela pergunta, a auto-eco-organização das certezas e dúvidas dos alunos, habitando espaços, criados no e para o diálogo, resgatando sentidos e significados dos sujeitos que irão habitá-los.

**Palavras-chave:** Atitude Interdisciplinar, Educação Bimodal, Comunicação, Aprendizagem, complexidade.

Enquanto nos diferentes espaços da comunidade, local ou global, se pesquisa continuamente os avanços da ciência e da tecnologia, as instituições educacionais, em sua maioria, continuam acreditando que estes avanços em nada atingem a ação educacional, ou seja, a ação de ensinar e de aprender. Em muitos casos, as instituições educacionais ainda estão centradas em processos de transferência de informações, esquecendo de pensar em movimentos que viabilizem uma conexão maior delas com o mundo, deixando de ver o mundo nelas, com elas e por elas. O que vejo, ouço e sinto nos diferentes espaços educacionais dos quais participo, seja como pesquisadora, educadora, tia, amiga, colega, ou convidada, é pouca preocupação dos responsáveis e/ou gestores em relação a proposições de uma estética educacional diferente da tradicional. Mas, o que é estética?

A palavra estética é derivada do grego *aisthesis*, que significa sentir. “A raiz grega *aisth*, no verbo *aisthanomai*, quer dizer sentir, não com o coração ou com os sentimentos, mas com os sentidos, rede de percepções físicas” (BARILLI apud SANTAELLA, 2000, p.11). Segundo Michel Maffesoli (1999), o termo estética é o mais coerente para descrever o ambiente, em que tudo tem importância: os detalhes, os fragmentos, as pequenas coisas, os diversos acontecimentos. Assim, é a estética (*aisthesis*), o sentir comum, que “parece ser o melhor meio de denominar o ‘consenso’ que se elabora aos nossos olhos, o dos sentimentos partilhados ou sensações exacerbadas” (MAFFEZOLI, 1999, p.13). Portanto, podemos considerar que o termo estética representa forma e vida, representa o fluxo, o movimento, algumas vezes caótico, contraditório; representa a forma e o movimento do ser humano, dos ambientes e das relações que se estabelecem.

E a estética que precisamos nas instituições de ensino é aquela que surge na liberdade com que contemplamos, somos e nos tornamos movimento. É a estética da “beleza” apresentada por Schiller em seus estudos, compreendida como “forma, pois que a contemplamos, mas é, ao mesmo tempo, vida, pois que a sentimos. Numa palavra: é, simultaneamente, nosso estado e nossa ação” (SCHILLER, 2002, p.127). Portanto, temos de repensar a estética da maioria das instituições educacionais em que, a sala de aula, o quadro com giz, as carteiras enfileiradas, a fala unilateral do professor ou da professora, a cópia nos cadernos, representa o que é melhor e mais fácil fazer/ser no papel de professor ou professora e, pensam que com isso, deixam as alunas e alunos mais “tranqüilos”, eu diria alienados, quanto ao que “precisam” fazer/ser como aprendizes. A compreensão da complexidade, da autonomia, da criatividade e criticidade, da liberdade, da comunicação, bem como do uso de recursos tecnológicos e ambientes que favoreçam movimentos de aprendizagem, estão muito longe de se tornarem uma realidade para muitas instituições educacionais.

O que se observa com facilidade é que o certo, a ordem e o acabado ainda representam a estética da maioria das instituições educacionais. O acaso, a incerteza, a desordem, o contraditório, a autonomia, não são considerados como possibilidades para educar. Assim, com esta estética, falar em uso de tecnologias, ambientes virtuais, Educação a Distância, ou Educação Bimodal -presencial e a distância-, ainda é algo bastante novo para muitas instituições, para outras, é “impossível”. Mas como pensar o movimento híbrido da Educação Bimodal? É necessário caracterizar o que já existe de EaD e de educação presencial, para decidirmos o que deve ser conservado, e estudar os novos elementos que devem ser incorporados para caracterizarmos, sempre provisoriamente, uma estética para a Educação Bimodal, constituída por encontros presenciais e encontros a distância - virtuais, utilizando os recursos da internet, ou usando outras tecnologias educacionais -.

Ao pensarmos a educação bimodal, é importantíssimo cuidar da aprendizagem dos alunos e alunas. É necessário pensar em propostas para uma verdadeira educação, buscando uma estética coerente com o mundo que queremos juntos (re)construir com/para as pessoas que o habitam/habitarão. Ou seja, é necessário flexibilizar com responsabilidade, sugerindo a co-responsabilidade. Neste sentido, a educação bimodal, pensada coerentemente com a estética da complexidade que vivemos hoje, torna-se uma possibilidade, mas é preciso pensá-la a partir de uma atitude interdisciplinar.

A atitude interdisciplinar, presente em educadores e educadoras em espaços de educação bimodal, mobiliza para uma estética em que as partes buscam harmonia na liberdade de seus movimentos, constituindo um todo, dinâmico e inacabado.

É uma atitude ante alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos não consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, ao diálogo com os pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo, atitude de humildade ante a limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes; atitude de desafio, desafio em redimensionar o velho; atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas; atitude, pois de compromisso em construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade, mas sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida. (FAZENDA, 2003, p.75).

É esta atitude interdisciplinar que favorece habitarmos a educação bimodal. Sendo educadores e educadoras com atitude interdisciplinar, não nos limitando em visitar os espaços presenciais e virtuais da educação, ou passar simplesmente por eles, pois a ousadia, o desafio em redimensionar o velho, e a vontade de desvendar saberes novos, nos impele a querer conhecê-los, a sermos habitantes. Mas, o que significa habitar, visitar e/ou ser transeunte de espaços/ambientes de aprendizagem?

A atitude de alunos e alunas, de educadores e educadoras, em ambientes de educação bimodal pode ser de habitante, visitante ou transeunte (SCHERER, 2005). *Os habitantes* são aqueles que se responsabilizam pelas suas ações e pelas dos parceiros, buscando o entendimento mútuo, a ação comunicativa, o questionamento reconstrutivo; o habitante está sempre sendo parte (sentido dinâmico) do espaço de aprendizagem. Portanto, o encontramos sempre no ambiente, pois ele também vive lá, observando, falando, silenciando, registrando, refletindo, questionando, produzindo, sugerindo, contribuindo com a história do ambiente, do grupo e dele. O habitante de ambientes de aprendizagem, assim como do mundo, não apenas vive nos ambientes, existe neles.

Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. (FREIRE, 2001, p.48-49).

*Os visitantes* são aqueles alunos(as) e educadores(as) que participam do ambiente de aprendizagem com a intenção de visitar. Quando visitamos um ambiente, o fazemos impelidos por algum dever, por afeto ou por amizade. A ação livre para participar nem sempre está presente, lembrando que a palavra visitar vem do latim *visitare*, iterativo de *videre*, ver. Os visitantes participam apenas para observar o que estava acontecendo, sem se co-responsabilizar com o ambiente, com o outro, ou com a produção coletiva. Alguns deles chegam a colaborar, mas sem chegar a cooperar com o grupo, pois são parte (sentido estático, momentâneo), algumas vezes, do ambiente, não estão sendo parte do ambiente continuamente, eles não habitam o lugar, o conteúdo, pois são visitantes.

Além de habitantes e visitantes, temos os transeuntes. *Os transeuntes* dos ambientes de aprendizagem são aqueles alunos(as) e professores(as) que passam pelo ambiente. Alguns entram, circulando pelos espaços, outros apenas passam. Eles são passantes, nem visitantes, e nem habitantes. A origem da palavra transeunte vem do latim *transire*, passar além, passar de um lugar para outro, sem parar, é alguém de passagem. Os transeuntes passam pelo ambiente em um ou mais momentos, às vezes param para observar, mas sem se deter em nenhum espaço em especial, sem se responsabilizar, sem apreender para si o ambiente, sem colaborar ou cooperar. Se notada a presença deles, eles se relacionam alheios ao grupo e ao ambiente, pois são apenas passantes, nem visitantes e nem habitantes do lugar. São parecidos com os “zapeadores”, aqueles que praticam o zapping com a televisão, internet, trocando de espaços, sem uma intenção em específico, sem saber para onde ir.

E neste movimento gerado pela atitude de habitantes, visitantes e transeuntes de ambientes de aprendizagem, nos percebemos em uma estética da complexidade. Ou seja, a atitude de um sujeito, seja ele habitante, visitante ou transeunte precisa ser compreendida para além dele, do auto, pois ela está relacionada também com a sua relação com o meio e com os outros; a sua atitude envolve um processo ecologizador. O processo ecologizador, que segundo Morin (2001), é o processo que considera tudo que lhe é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, o meio em que nascem, levantam problemas, e transformam-se. Assim, ao participar de uma educação bimodal, como educadores temos de considerar os processos de auto-organização: nossos, de cada aluno e aluna, do meio. Ao mesmo tempo temos de considerar os processos de eco-organização: com os outros, com o meio. Ou seja, precisamos compreender o pensamento e a ação em uma estética de auto-eco-organização e aprendizagem, precisamos apreender e ensinar a atitude interdisciplinar, habitando o espaço da educação.

Ao apreender esta atitude interdisciplinar, atitude de habitante, assumimos uma atitude de espera. Não uma espera descansada e despreocupada, mas uma espera, como afirma Fazenda (2003), vigiada, que propõe, que é ativa, não passiva. É uma espera que nos impele ao movimento, que suscita a dúvida, a incerteza; é uma espera que fica entre a força da transformação e o profundo recolhimento, e nessa ambigüidade, vai-se da imobilidade ao caos, do caos a ordem, da ordem a desordem, continuamente.

É nessa espera que podemos agir, mobilizando espaços e instituições ao oferecimento de uma educação mais híbrida, uma Educação Bimodal, uma educação também transdisciplinar, que mobiliza a questionar, oportunizando que os alunos saiam do texto da aula, a partir de hipertextos, da pergunta, inquietando e inquietando-nos diante das certezas; ouvindo/sentindo os nossos alunos e alunas, os outros educadores, os outros autores, o meio, nós... na busca de algumas certezas, que sempre serão provisórias; continuar sendo e existindo educador(a)/pesquisador(a) em ambientes virtuais e presenciais, continuar habitando a profissão e a educação.

Nos ambientes de educação bimodal, essa espera pode ser vivida/sentida pelos educadores e educadoras ao esperar na escrita/fala dos educandos um movimento de busca e questionamento, questionando sempre; ao esperar que o educando ou educanda seja habitante dos espaços e não apenas visitante ou transeunte, sendo um/uma habitante; ao esperar pela atitude de abertura do educando ou educanda em relação ao diálogo, sendo humilde em reconhecer o que ainda não sou e o quanto ele/ela pode me ajudar a ser; ao esperar pela aprendizagem cooperativa, desafiando, lendo/ouvindo/compreendendo o educando, compreendendo e levando-o a compreender o erro

como parte do processo de criação, questionando as suas certezas e as minhas, alimentando as dúvidas, promovendo o diálogo. É nessa espera que educamos/somos habitantes no espaço virtual e no espaço presencial.

Assim, compreendendo a intensidade de uma atitude interdisciplinar, é possível educadores e educadoras, ficarem inertes e distantes, sem buscar a intersubjetividade, a comunicação com o outro, nos espaços presenciais e/ou virtuais? É possível que educadores sejam visitantes ou transeuntes de sua profissão? De ambientes de aprendizagem, em que possuem o papel de educar? Isso só acontece quando não há compreensão da atitude interdisciplinar, pois a inércia é uma estética da “não ação” e da “não comunicação”, do descuido e do descomprometimento. A atitude interdisciplinar exige a comunicação, uma comunicação que habita os espaços, provocando a busca pelo conhecimento, pela mudança. É uma comunicação propiciada pela interação, condição de efetivação da interdisciplinaridade, e que pressupõe uma “integração de conhecimentos visando novos questionamentos, novas buscas, enfim, a transformação da própria realidade” (FAZENDA, 2002, p.9).

Os espaços de educação bimodal criados em uma perspectiva interdisciplinar convidam ao diálogo, à intersubjetividade, em suas formas e movimentos. Para tal, não pode ser resumido a fazer comunicados, a ser visitado: é preciso ser habitado. Como o espaço presencial, o virtual, o vídeo, o texto, e/ou livros em uma perspectiva interdisciplinar, deve convidar os “sujeitos”, não “usuários”, ao diálogo, dialogando com os mesmos, em movimentos questionadores, esteticamente provocativos, belos.

Neste sentido, os ambientes de aprendizagem devem ser criados a partir de sentidos e significados do grupo de pessoas que irão viver nele. O objetivo ao preparar um ambiente de aprendizagem presencial, e/ou criar um ambiente virtual de aprendizagem é que alunos e professores habitem-no, que façam parte da história de construção do mesmo, pois a criação de um ambiente, seu design, sua estética, caracterizada pelas linguagens nela presente, não pode ser desenvolvido sem intencionalidade. Esse processo de criação coletiva deve resgatar significados dos habitantes, suas histórias, e ser construído no e pelo diálogo. A linguagem visual também é linguagem que favorece ou impede a comunicação, pois mobiliza o nosso emocionar, que segundo Maturana (1998), é fundamento de nosso pensar.

Ao preparar um ambiente de aprendizagem presencial, ao criar um ambiente virtual de aprendizagem é importante pensar na coerência entre cores, imagens, movimentos, objetivando envolver os alunos de maneira a possibilitar que todos se sintam acolhidos e ambientados. Além disso, no caso de ambientes virtuais, eles devem ser de simples funcionalidade, para que o estudante encontre facilmente os espaços que procura. Desta forma, o que se objetiva é que os alunos sejam habitantes do ambiente, das relações, dos movimentos ali estabelecidos, não se limitando aos espaços conhecidos.

E pensando em educação, temos de falar do tempo. O tempo na Educação Bimodal não é apenas cronos, tempo de controle, mas também kairós, “tempo que subverte a ordem de cronos, que se aproveita da imprevisibilidade, tempo flutuante. Em cronos submetemo-nos a cronogramas. Em kairós, à oportunidade de criar” (FAZENDA, 2001, p.29). É em kairós, articulado ao tempo cronos, que encontramos o desafio de novas buscas, e o movimento de “habitar” espaços presenciais e virtuais, constituindo um tempo de Educação Bimodal.

Portanto, a atitude interdisciplinar precisa estar presente e deve ser conquistada por educadores e educandos ao participarem de uma Educação Bimodal. Afinal, habitar o espaço presencial e o virtual é movimentar-se transdisciplinarmente, pensando, agindo e sendo em um tempo que é Kronos e kairós; é ser educador(a) habitante e não visitante ou transeunte. É ser educador(a)/habitante, que ao perceber-se interdisciplinar, acredita que o outro também pode ser ou tornar-se interdisciplinar/habitante, sendo/tornando-se seu parceiro. É ser educador(a)/habitante em um espaço cuja estética transdisciplinar é anunciada em seus movimentos, força e forma. É reconhecer-se como habitante, visitante ou transeunte, para então poder escolher o seu caminho e os seus parceiros. O desafio do educador e educadora está em conseguir habitar e articular, simultaneamente, vários espaços, tempos, e saberes, apreendendo cada movimento do educando,

oportunizando movimentos de auto-eco-organização, aprendendo consigo mesmo, com o outro, com o meio e com as diferentes histórias, transformando e transformando-se continuamente, não de forma linear, mas hipertextual e complexa.

## **Referências Bibliográficas**

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001. 272p.

\_\_\_\_\_. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* 5 ed. São Paulo: Loyola, 2002. 110p.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003. 84p.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 158p.

MAFFEZOLI, Michel. *No fundo das aparências*. 2 ed. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 350p.

MATURANA R., Humberto. *Da biologia à psicologia*. Tradução por Juan Luzoro García. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 200p.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 3 ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b. 128p.

SANTAELLA, Lúcia. *Estética: de Platão a Peirce*. 2 ed. São Paulo: Experimento, 2000. 220p.

SCHERER, Suely. *Uma estética possível para a educação bimodal: aprendizagem e comunicação em ambientes presenciais e virtuais*. 2005. 240f. Tese (doutorado em Educação: currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. 4 ed. Traduzido por Roberto Schwartz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002. 158p.